

Suplemento do Património

Mensal | Ano 14 | N.º 113 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Catálogo Epigráfico de Lousada

Memórias epigráficas de Frei André Marques de Almeida

Cristiano Cardoso* e Luís Sousa**

Intróito

O artigo agora apresentado surge na continuidade da iniciativa que desencadeamos no passado mês de Março, que envolve a publicação de notícias preliminares sobre a evolução e materialização do Projecto CEL – Catálogo Epigráfico de Lousada. Nessa altura avançamos com um texto relativo à inscrição do Penedo do Sol, na freguesia de Figueiras. Neste segundo artigo vamos continuar no mesmo território, apresentando o levantamento, a leitura e a contextualização histórica de mais duas epígrafes modernas, de referência para o concelho, e que tantos equívocos científicos têm vindo a suscitar.

Falamos da epígrafe da Igreja Matriz (**Fig.1**) e da epígrafe da Capela de N. Sra. da Misericórdia (**Fig.2**), referindo-as deste modo no sentido de simplificar a sua identificação. A primeira encontra-se exposta no adro da igreja de Figueiras, do lado norte, enquadrada numa moldura de pedra feita propositadamente. A segunda epígrafe tem como suporte o lintel do portal lateral da capela de N. Sra. da Misericórdia, na mesma freguesia.

Queremos agradecer à Prof.ª Dr.ª Paula Barata Dias (Universidade de Coimbra) por, mais uma vez, aceder com enorme disponibilidade ao nosso pedido de tradução do texto latino que consta das epígrafes agora apresentadas. Sem este contributo ser-nos-ia impossível avançar com uma leitura e interpretação completa e rigorosa dos monumentos em análise.

O encomendante

Vamo-nos deter, primeiramente, na questão do *encomendante* destas duas inscrições. Ambas foram mandadas fazer pelo licenciado Frei André Marques de Almeida, abade de Figueiras entre os anos de 1624 e de 1635¹. Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra em 1618, sendo já então padre, era natural de São João da Foz do Douro e filho de Pedro Marques². Era tio materno do seu sucessor na paróquia de Figueiras, o abade Manuel da Rua, filho da sua irmã Ajuda da Rua, também moradora na Foz³.

Era frade da Ordem de Malta e foi capelão do Bailio de Leça, Dom Frei Luís Álvares de Távora, de quem recebeu uns terre-



Fig. 1 - Epígrafe da Igreja Paroquial de Figueiras.



Fig. 2 - Epígrafe da Capela N. Sra. da Misericórdia.

* Técnico Superior de Ciências Históricas. CML. Projecto CEL. cristiano.cardoso@cm-lousada.pt.

** Arqueólogo. CML. Projecto CEL. luis.sousa@cm-lousada.pt.

¹ Este intervalo temporal infere-se através dos registos paroquiais nos quais o abade intervém, tratando-se, portanto, de uma conjectura. Para afinar esta cronologia seria necessário compulsar outras fontes como a confirmação da apresentação do abade ou a sua renúncia, documentos que nem sempre chegaram aos nossos dias.

² Informações gentilmente pesquisadas e cedidas pelo confrade Pedro França (Geneall).

³ ADP, Fundo Paroquial. Paróquia da Foz. Óbitos, 1644-1703. fl. 17v. <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=489315>

nos na Foz do Douro. Em 1640 celebrou um contrato com o prior do mosteiro de Santo Tirso pelo qual doava esses mesmos terrenos e casas para que aí se construísse a nova igreja paroquial de São João da Foz, que era do padroado do dito mosteiro⁴.

Por volta de 1635 ou 1636 a abadia do Salvador de Figueiras vagou por renúncia deste nosso frade, desconhecendo-se as razões que o levaram a resignar. Com efeito, são raros os registos lavrados pela mão de Frei André Marques de Almeida nos livros paroquiais de Figueiras. A coadjuva-lo na paróquia, ao longo dos cerca de 11 anos do seu ministério, teve pelo menos quatro curas: António Neto de Beça, Melchior Francisco Vieira, Luís Coutinho e Domingos de Sousa. A maior parte dos ofícios e dos registos foram da responsabilidade dos curas, admitindo-se que o abade estivesse longas temporadas ausente da paróquia.

Tudo indica que regressasse à Foz do Douro onde viveu e veio a falecer a 6 de Outubro de 1648. Fez testamento em que deixou por herdeira e testamenteira a Irmandade da Misericórdia do Porto, instituindo um legado pio. Foi enterrado em carneiro seu na capela-mor da igreja de São João da Foz⁵.

O abade André Marques de Almeida foi muito interventivo na freguesia de Figueiras, designadamente no que se refere a obras materiais. As duas inscrições que sobreviveram até aos nossos dias são um perfeito testemunho dessa sua acção, mas podemos ainda acrescentar as profundas obras de restauro e ampliação que mandou fazer nas casas da residência, conforme relata o seu sucessor no Tombo da Comenda de Santa Eulália da Ordem.

Epígrafe da Igreja

Aos abades de Figueiras estava atribuída a fábrica da capela-mor da igreja, portanto, quaisquer obras de reforma ou reedificação ficavam a seu encargo, incluindo-se o provimento de alfaías litúrgicas, paramentos e demais peças. A inscrição da igreja surge neste contexto, ou seja, na sequência de uma reedificação da capela-mor, juntamente com um conjunto de outras obras que tal construção implicava, entre as quais destacamos a edificação do arco cruzeiro e a execução de um retábulo na parede fundeira.

Em 1626 o abade André Marques de Almeida promoveu a reedificação da capela-mor da igreja de Figueiras e fez questão de deixar uma memória desse seu acto através de uma inscrição num dos silhares que, segundo cremos, compunha o pilar do arco cruzeiro. Mais de 150 anos depois, em 1790, a igreja foi alvo de nova e profunda reforma que terá implicado a demolição do arco cruzeiro. Contudo, a pedra que continha a inscrição foi preservada, num raro assomo de consciência histórica e cultural que ainda hoje faria “enrubescer” muitas fabriqueiras. A pedra acabou embutida no muro que circunscreve o adro e, por fim, mais recentemente, foi preservada em local exclusivo (Fig.3).

A inscrição faz alusão ao patrocínio da obra do arco cru-



Fig. 3 - Estudo *in loco* da epígrafe da Igreja Paroquial de Figueiras.

zeiro e do *altar pintado*, o retábulo que à época seria de pendor maneirista, devendo incluir amplos painéis de madeira preenchidos com pintura⁶. No plano superior do silhar, vemos um escudo peninsular pleno com as armas de Almeida⁷sobreposto a uma cruz da Ordem de Malta, inserindo-se este conjunto num círculo com diâmetro de 36,3 cm que, por sua vez, assenta numa cartela.

Trata-se concretamente de uma inscrição monumental, realizada num silhar de granito de grão fino, de formato rectangular (107,4 x 69,6 x 20 cm), que, como acima se disse, estaria a integrar o pilar do arco cruzeiro, demolido em finais do século XVIII. Removido o bloco epigrafado, foi colocado no exterior da igreja, embutido no muro Sul de delimitação do adro, achando-se parcialmente embebido no solo, o que, na altura, impossibilitava a leitura da última regra da inscrição. Actualmente o monumento encontra-se implantado a Norte da igreja, num espaço desafogado, integrado num suporte erigido para o efeito. Toda a extremidade do bloco se caracteriza pela presença de fracturas e de vestígios de uso de máquina de corte industrial. Também a face posterior do bloco onde foi gravada a inscrição se apresenta com a superfície bastante irregular, com evidentes marcas decorrentes da sua extracção do pilar do arco cruzeiro, o que resulta num silhar cuja espessura varia entre os 8 e os 23 cm. (Fig.4)

⁴ CORREIA, Francisco Carvalho (P^a.) – *O mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588*, volume 1. Santo Tirso: Câmara Municipal, 2009, p. 451.

⁵ ADP. Fundo Paroquial. Paróquia da Foz. Óbitos, 1644-1703. fl. 38v. <http://pesquisa.adporto.pt/details?id=489315>

⁶ Na Carta Arqueológica do Concelho de Lousada menciona-se este silhar quando o mesmo ainda estava embutido no muro e a inscrição parcialmente encoberta pelo pavimento do adro. Talvez desse facto resultasse a interpretação errada que nessa publicação se faz, que afirma tratar-se de uma *laje sepulcral ostentando um epitáfio* e um *escudo inserido numa pertença esfera armilar*.cf. NUNES, Manuel, SOUSA, Luís e GONÇALVES, Carlos – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: CML, 2008. p. 110.Como vimos, não se trata de uma tampa de sepultura e a pretensa esfera armilar não é mais que a cruz da Ordem de Malta.

⁷ De vermelho, com uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes, tudo de ouro.



Fig. 4 - Levantamento gráfico da epígrafe da Igreja Paroquial de Figueiras.

Espaços interlineares (em cm): L1 – 4,25; L2 – 6,35; L3 – 6,12; L4 – 5,7; L5 – 0,66 (3,9).

Espaços interliterais (em cm): L1 – 2,4(0,4); L2 – 3,5(0,9); L3 – 3,3(0,6); L4 – 1,4(0,4).

Altura das letras (em cm): L1 – 9,97 (8,65) (I=3,99); L2 – 8,45 (8,02) (L=4,05; O=4,5); L3 – 8,93(7,72) (A=5,17; V=3,74; A=6,53; I=3,60); L4 – 8,95(7,93) (O=3,69).

Leitura:

L(I)C(enciado) · F(rater) · (A)N(D)(reas) · M(AR)Q(ue)Z / DA(L)M(ei)D(A) · D(O)MOS / C(A)P(ellae) · A(R)CU(M) · T(A)B(ulam) · P(I)CT(AE) / A(E)DIF · P(O)N(E)BAT ·

Tradução:

1626 (mil seiscientos e vinte e seis)

O Licenciado Frei André Marques de Almeida, patrocina os meios (ou põe recursos) para edificar o arco da capela e o altar pintado.

Esta memória epigráfica possui no topo, a ocupar uma boa parte do suporte, um escudo com a Pedra de Armas de Almeida (18,5 x 23,1 cm), que por sua vez se sobrepõe a uma cruz da Ordem de Malta inserida num círculo, achando-se conjunto heráldico enquadrado por uma cartela subrectangular (41 x 46 cm). Aladear estes símbolos encontra-se a data 1626, cuja leitura se obtém pela combinação dos dois caracteres numéricos 16 e 26. Estes apresentam altura média de 6,9 cm e espaçamento interlinear de 0,5(1,3) cm. Os numerais um e seis evidenciam ulterior avivamento, o que se depreende pela superior largura e profundidade do sulco relativamente aos numerais dois e seis. No cômputo geral do monumento epigráfico, estes caracteres numéricos são os únicos que figuram fora do campo epigráfico

propriamente dito, não obedecendo a qualquer prévio *ordinatio*, julgamos mesmo que estes terão sido eventualmente gravados quando o “documento” já estava terminado, uma vez que foram cinzelados entre dois espaços em que a cartela não fecha, revelando execução posterior, constatada pela sobreposição dos numerais à direita sobre uma das extremidades da referida cartela.

A inscrição é composta por quatro regras, em letra capital, abertas num campo epigráfico com 61,9 cm de altura e 69,6 cm de largura, com o texto regularmente dimensionado e espaçado, a denunciar prévia paginação através do desenho de linhas guia. As três primeiras regras estão perfeitamente alinhadas, quer à esquerda, quer à direita, enquanto a quarta se acha centrada relativamente às restantes. O próprio campo interlinear é regular, principalmente entre o texto, com um espaçamento médio de 6 cm. Da globalidade da inscrição sobressai a equilibrada composição epigráfica, que espelha uma elevada qualidade do *ordinatio*, bem como o de um experimentado lapicida. Embora as duas primeiras regras revelem avivamento, depreende-se que de um modo geral o autor seguiu um coerente critério na abertura das letras no tocante à espessura do traço, de perfil em “V”, da sua profundidade, bem como no remate biselado das letras. Esta regularidade acha-se de igual forma presente no uso de abreviaturas, nexos, contracções e letras em expoente. Na primeira linha observa-se o emprego de uma contracção e dois nexos, na segunda um expoente corrente e um incluso e um nexo, na terceira quatro contracções e dois nexos e na última linha observa-se o recurso a uma contracção e de dois nexos. A fórmula braquigráfica seguida pelo lapicida possibilitou a distribuição uniforme das letras em cada uma das regras, resultando, ainda que longo, num texto de fácil leitura e interpretação. Entre as palavras, à excepção da última palavra da quarta regra, foram empregues um total de nove pontos distintivos, de formato piramidal, abertos em bisel, sem orientação determinada. Apenas surge na primeira regra o ponto distintivo a meia altura entre as palavras, nas restantes regras surge lavrado no terço inferior.

Epígrafe da Capela

A capela de N. Sra. da Misericórdia tem origem anterior ao ano de 1623, vindo já referida no *Catálogo dos Bispos do Porto* como sendo pública. Desse primitivo edifício dos primórdios do século XVII já nada resta. A capela foi profundamente remodelada durante a segunda metade do século XVIII, conforme evidencia a sua arquitectura actual de pendur barroco tardio⁸. Entre estes dois momentos ter-se-ão sucedido inúmeras intervenções na capela, reformas de menor ou maior impacto, que tinham por intuito a preservação do edifício e a decência do culto.

O lintel colocado sobre as ombreiras da porta lateral Norte da capela ostenta uma inscrição, mas cuja leitura não é totalmente conclusiva quanto ao contexto em que foi lavrada. Podemos avançar com duas sugestões: tratar-se da memória de uma reforma arquitectónica patrocinada pelo abade; ou de uma menção a um voto feito por frei André Marques de Almeida. Não sendo de excluir a reunião das duas hipóteses, que nos parece muito plausível, isto é, o abade patrocina a reforma da capela em cumprimento de um voto.

⁸ CARDOSO, Cristiano – “História e Património das Freguesias”. In *As Ruas e Freguesias de Lousada*. Braga: Publitrabalho Edições, 2008. p. 61 e 62.

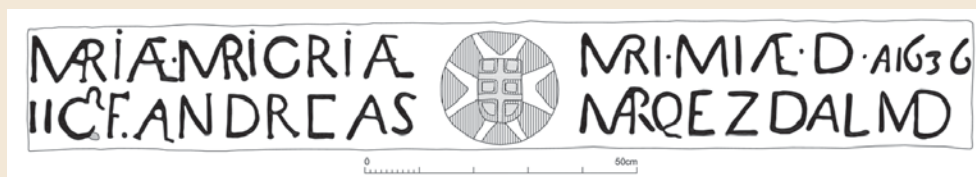


Fig. 5 - Levantamento gráfico da epígrafe da capela de N. Sra. da Misericórdia.

Augusto Soares de Moura considerou que esta inscrição estaria a datar a construção da capela⁹, porém, a natureza do granito e os comentários atrás realizados, mostram tratar-se de uma epígrafe de um templo anterior.

Tal como a precedente, também o monumento epigráfico da capela de N. Sra. da Misericórdia nos revela uma inscrição de carácter monumental. Se tivermos em conta as dimensões do suporte, 23 cm de altura por 174 cm de comprimento, esta foi executada num lintel de porta. Este não revela quaisquer transformações de adaptação, pelo que cremos que mantém a forma original de quando lhe foi gravada a inscrição em 1636. Conquanto à primeira vista pareça tratar-se de um bloco granítico em tudo igual ao empregue na construção do templo, a verdade é que estamos perante um suporte de granito de grão ligeiramente mais fino e de tonalidade mais escura. Estes dados consentem a afirmação de que estamos perante um elemento arquitectónico reaproveitado na estrutura, concretamente na porta lateral Norte da capela.

Como dissemos já, em 1623 este templo aparece referido no *Catálogo dos Bispos do Porto*. Nesta data não é dito quando o templo havia sido erigido, nem se estava aberto ao culto, pelo que somos impossibilitados de tecer qualquer comentário ao seu estado de preservação há época. Porém, a epígrafe sobre a qual nos debruçamos neste ponto, concorre para a opinião de que volvidos treze anos sobre aquela referência, a capela terá sido alvo de recuperação, cujas obras, desenvolvidas sob o patrocínio de Frei André Marques de Almeida, terão eventualmente sido realizadas em cumprimento de um voto. Posteriormente, mercê de uma nova recuperação, a capela foi profundamente remodelada, cremos que durante a segunda metade do século XVIII, como atesta a actual arquitectura do templo, de estilo barroco. Por razões que desconhecemos, o lintel com a inscrição do templo precedente foi preservado e reintegrado na estrutura, deslizando assim no templo esta importante memória para a compreensão da “vida” da capela. Esta apresenta a fachada voltada a Nascente, todavia, considerando a raiz fundacional por finais da Idade Média ou inícios da Idade Moderna, é possível que este pequeno templo religioso tivesse uma orientação contrária àquela, isto é, virada a Poente, seguindo a usual orientação canónica dos templos no período referido. (Fig.5)

Espaços interlineares (em cm): L1 – 5,7(0,5); L2 – 3,7(0,8); L3 – 3,2(1,3).

Espaços interliterais (em cm): L1 – 3,3(0,1); L2 – 2,7(0,4).

Altura das letras (em cm): L1 – 9,0(7,2)(A=5,3; 1=4,3; 6=6,8; 3=4,3; 6=6,6; L2 – 9,6(5,8).

Leitura:

M(AR)IA(E) · M(ise)(R)IC(o)R(d)IA(E) M(isere)(R)I · MIA(E) · D(omino) · A(nno) 1636/L(?)IC(enciado) · F(rater) · ANDREAS M(AR)Q(u)EZ DALM(ei)(D)(a)

Transcrição:

MariaeMisericordiaeMisereriMeaeAnimae
Domino Anno 1636
Licenciado FraterAndreasMarquezDalmeida

Tradução:

À nossa Senhora da Misericórdia, para que tenha piedade da minha alma. Ano de 1636 (mil seiscentos e trinta e seis). O Licenciado Frei André Marques de Almeida.

A inscrição gravada no lintel granítico (23 x 174 cm) da capela de N. Sra. da Misericórdia revela-nos duas regras, também em letra capital, achando-se o respectivo texto de ambas enquadrado ao centro por um motivo circular com o diâmetro de 21,5 cm, no qual se encontra gravada uma cruz da Ordem de Malta com as características cinco pontas bifidas, à qual se sobrepõe um escudo (11,7 x 8,1 cm) com as armas de Almeida. Apesar de a inscrição denunciar prévia paginação, são várias as falhas que se detectam na abertura das letras, designadamente na palavra “ANDREAS”, que o lapicida não grava a haste horizontal central do “E”, bem como erros no latim da palavra “MIAE”, que o executante escreve com “I” quando deveria ser com “E”. Também não coloca qualquer separação entre as palavras “MEAE” e “ANIMAE”, isto se considerarmos ser intenção criar aqui um nexo, caso contrário estaremos perante uma omissão de texto. De um modo geral, revela-nos assim uma gravação algo descuidada, sem grande esmero em certos pormenores. Este facto leva-nos a considerar que esta inscrição foi executada por um lapicida distinto daquele que concebeu a da Igreja Paroquial de Figueiras. Porém, é crível que o lapicida desta inscrição da capela possa ter observado a anterior e nela se ter inspirado, particularmente na fórmula de abreviar as letras “MAR”, que se encontram a formar na primeira regra a palavra “MARIAE”, e na segunda regra a palavra “MARQUES”.

Como dissemos antes, o texto encontra-se alinhado e as palavras ordinariamente espaçadas, numa clara intenção de aproveitar ao máximo o campo epigráfico disponível. Apesar de algumas imprecisões, resulta numa equilibrada e regular composição epigráfica. Contrariamente à inscrição da igreja, onde se constata o emprego de abreviaturas, nexos contracções e letras em expoente, esta apenas apresenta nexos como forma de rentabilizar o campo epigráfico. Só na primeira regra foram utilizados seis, enquanto na segunda apenas se constata a presença de dois, muito por força de nesta linha as palavras nos aparecerem abertas quase por extenso.

Uma outra inconstância verificada nesta inscrição da capela de N. Sra. da Misericórdia é a colocação dos pontos distinguente. De formato circular, surgem na primeira linha abertos a meia altura das palavras, enquanto na segunda linha aparecem ordenados pela base. Por sua vez, entre as palavras “MARQUES” e “DALMEIDA” não houve lugar à gravação de um ponto distinguente, o que, neste caso, obrigaria a uma conveniente separação entre as palavras para serem dissipadas eventuais dúvidas na leitura.

⁹ MOURA, Augusto Soares – *Lousada Antiga: das origens à primeira República*, 2ª Parte – Das Freguesias. Lousada: Ed. de Autor, 2009, p. 262.